

Publicado em: *Anais do 6º. Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: IP-PUC/SP, 1998, pp. 141-147.*

O Texto Oral e Sua Aplicação em Sala de Aula: Unidade Discursiva e Marcadores Conversacionais como Estruturadores Textuais[♦]

Maria Lúcia da Cunha V. de O. Andrade

Universidade de São Paulo

É constante, atualmente, ouvirmos que a oralidade tem um lugar importante no ensino de língua. Entretanto, são ainda escassos os recursos metodológicos existentes em Língua Portuguesa para o tratamento dessa questão de forma mais sistemática.

Já na década de sessenta, Mattoso Câmara afirmava que apenas podemos compreender e ensinar a língua escrita com base na correta compreensão do funcionamento da fala. Essa colocação representa uma dupla tarefa para a lingüística: de um lado, deve dedicar-se à descrição da fala e, de outro, possibilitar que a escola amplie seu leque de atenção.

Em 1990 no artigo "Português falado e ensino de gramática", Ataliba T. de Castilho destaca que "a língua oral se constitui num excelente ponto de partida para o desenvolvimento das reflexões sobre a língua, por se tratar de um fenômeno 'mais próximo' do educando, e por entreter com a língua escrita interessantes relações" (p.110). O autor prossegue sua reflexão, afirmando que a língua escrita (incluindo a língua literária) continuará a ser o objetivo da escola, mas vê isso como um ponto de chegada. Na verdade, o tratamento da oralidade na escola de 1º e 2º graus deve ser tomado como um ponto de partida para abordagens mais específicas sobre a língua de modo geral.

Como é do conhecimento geral dos usuários da língua, o texto oral dialogado é fruto de conversação: "atividade lingüística básica que pertence às práticas diárias de qualquer cidadão, independentemente de seu nível sócio-cultural. Ela representa o intercurso verbal em que duas ou mais pessoas se alternam, discorrendo livremente sobre as questões propiciadas pela vida diária" (Castilho, 1986: 21).

[♦] Anais do 6º. Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: PUC/SP, 1998, p. 141-147

As marcas características da construção do texto falado decorrem do vínculo que se estabelece entre falante e ouvinte no momento da interação face a face. A produção do texto oral revela, então, toda a complexidade de seu processo de construção, já que planejamento e realização lingüística se estabelecem numa progressão linear, determinada pelas atividades desenvolvidas entre os interlocutores na situação discursiva.

Para uma abordagem do texto oral visando a sua aplicação em sala de aula, é preciso fornecer aos professores de 1º e 2º graus subsídios em relação às especificidades desse texto, como se instaura o seu processo de produção e de qual (ou quais) unidade(s) de análise se pode fazer uso para um estudo efetivo. Nessa perspectiva, este trabalho enfoca dois elementos estruturadores do texto oral: a unidade discursiva e os marcadores conversacionais.

A **unidade discursiva** corresponde aproximadamente a enunciados conversacionais, isto é, pode revelar certa coincidência com orações ou atos de fala, porém reflete a experiência do falante a respeito do que seja um bloco textual. Tal unidade apresenta uma regularidade bastante grande, transmite porções informacionais, preservando a propriedade de coerência temática de uma unidade maior: o texto.

A unidade discursiva é delimitada, geralmente, por **marcadores conversacionais**. Estes, por sua vez, são elementos característicos da oralidade, mas não exclusivos. Operam na monitoração das relações interpessoais e na relação com os conteúdos desenvolvidos, sendo, portanto, considerados multifuncionais. Os marcadores podem ser lingüísticos - incluindo os prosódicos (pausas, alongamentos) e os verbais (lexicalizados e não lexicalizados) -, e não lingüísticos: gestos, olhar, riso, etc. Os marcadores verbais apresentam uma variada gama de partículas, palavras, sintagmas, expressões estereotipadas e orações de diversos tipos, tais como: ahn, uhn, eh, ah, certo, né, sabe, viu, então, aí, daí, mas, então daí, eu acho que, quer dizer, então eu acho que, etc.

Segundo Schiffrin (1987:35), os marcadores trabalham na estruturação das unidades discursivas, separando-as ou aproximando-as, e definem-se como "elementos seqüencialmente dependentes, que articulam unidades, organizando o texto conversacional".

Observem-se dois exemplos, extraídos dos inquéritos D2 360 (diálogo entre dois informantes) e DID 235 (diálogo entre informante e documentador), pertencentes ao arquivo do Projeto NURC/SP e publicados em Castilho e Preti (1987) e Preti e Urbano (1988), respectivamente.

É importante salientar que a segmentação das UDs foi feita seguindo o modelo de Castilho (1989). O trecho é organizado da seguinte maneira: as UDs são destacadas por meio de letras entre parênteses; as orações, por algarismos arábicos seguidos de ponto; os **marcadores conversacionais** são colocados nas colunas que correspondem à margem esquerda e à direita.

(1)

MARGEM ESQUERDA	NÚCLEO	MARGEM DIREITA
L2 (A) depois disso ainda	1. ti/tive problemas de saúde... problemas problemas de tiróide	não sei que
(B) então	2. o médico está aconselhando	
	3. a não ter mais	...
(C) então	4. nós estamos pensando não ofic/oficialmente	
	5. não está encerrado	...
(D) mas	6. de fato está	
(E) porque::...	7. o endocrinologista proibiu terminantemente	
	8. que eu tenha mais filhos	...

(SP D2 360: 75-81, p. 138)

(2)

MARGEM ESQUERDA	NÚCLEO	MARGEM DIREITA
Doc. (A) escuta R. e::	1. normalmente o que você come de sobremesa?	

Inf. (B) ϕ	2. prefiro comer frutas	...
(C) então	3. todos os dias:... às refeições:: nós lá em casa costumamos mais comer frutas do que doces...	
	4. o pessoal todo lá em casa prefere frutas	
(D) se bem que	5. os doces em calda também tem bastante aceitação	viu?
	6. pêssego em calda goiaba em calda:: com catupiri :: ((risos))	
(E) (então	7. a gente ((riu)) aproveita:: ... a reunião das pessoas --	
(F) porque	8. lá em casa nós somos ba/bastante	né?
(G) ϕ	9. somos seis--	...
(H) então	10. cada um gostando duma coi SA::...ahn::	
	11. a gente experimenta seis sobremesas ao mesmo tempo	né?

(SP DID 235: 118-128, p. 123)

Para a segmentação das UD's usou-se o critério semântico. No segmento (1), a locutora (L2) organiza a sua fala da seguinte maneira: o *tópico discursivo* (¹), isto é, o assunto em desenvolvimento é "Planejamento Familiar de L2" e apresenta as seguintes UD's:

- (A) problemas de saúde;
- (B) conselho do médico;
- (C) pensamento do casal;
- (D) constatação da necessidade de seguir o conselho

médico;

(E) proibição feita pelo endocrinologista.

No segmento (2), a informante responde a uma pergunta feita pelo documentador sobre "o que a ela come de sobremesa". Este tópico discursivo se desenvolve através das seguintes unidades:

(A) pergunta feita pelo documentador;

(B) preferência pessoal por frutas;

(C) preferência dos familiares por frutas ou doces em calda;

(D) boa aceitação dos doces em calda;

(E) a reunião das pessoas;

(F) muitas pessoas na família;

(G) número de pessoas na família;

(H) experimentar várias sobremesas.

Para que o texto seja coerente, os interlocutores precisam criar UD's consistentes com as anteriores e relevantes no que se refere ao tópico discursivo em andamento. Assim, valem-se de marcadores conversacionais que os auxiliam a encadear as UD's, construindo a textualidade.

No dois exemplos analisados, os marcadores (*então, mas, porque, etc.*) foram utilizados pelo falante quando este desejou progredir suas idéias por meio de séries cumulativas de UD's ligadas a um tópico discursivo. Esse tipo de uso se efetiva, particularmente, nos encadeamentos de ações, explicações, conclusões, avaliações, etc.

Em síntese, podemos dizer que na superfície textual (nível microtextual) os marcadores conversacionais relacionam linearmente as UD's, deixando entrever a arquitetura textual e orientam o interlocutor para que este possa estabelecer relações que estão na estrutura profunda do texto (nível macrotextual), criando relações interativas para a construção e manutenção do tópico discursivo.

A elaboração do texto escrito - assim como do oral - envolve um objetivo ou intenção do locutor. Contudo, o entendimento desse texto não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas à percepção das marcas de seu processo de produção. Essas

marcas orientam o interlocutor no momento da leitura, na medida em que são pistas lingüísticas para a busca do efeito de sentido pretendido pelo locutor.

Um texto escrito tem no parágrafo uma de suas unidades de construção. Essa unidade é composta de um ou mais períodos reunidos em torno de idéias estritamente relacionadas. Nos textos bem-formados, em geral, a cada parágrafo deve relacionar-se uma idéia importante, não havendo normas rígidas para a paragrafação. De fato, o locutor pode fazer uso da paragrafação para marcar a sua intencionalidade.

No trabalho efetivo com textos, o professor pode iniciar a atividade com textos orais produzidos pelos próprios alunos, mostrar como esses textos se estruturam, quais as suas especificidades, qual a sua unidade de construção. A seguir, deve desenvolver atividades escritas, pode utilizar os mesmos temas tratados no exercício oral, buscando evidenciar como se estrutura o texto escrito, qual a sua unidade constitutiva, como ela deve ser tecida (cf. Andrade, 1994).

Trata-se, conforme destaca Marcuschi (1993: 16), "de trabalhar integralmente as várias atividades no uso da língua, ou seja, a produção oral, a produção escrita, a leitura e a compreensão. Este aspecto tem a ver com o tratamento dado à língua, principalmente nos exercícios propostos aos alunos em sala de aula". Para o autor, não se deve considerar os exercícios escolares como um simples complemento do ensino, "mas a verdadeira forma de exercer o ensino". Conseqüentemente, a Universidade deve oferecer subsídios para que a escola secundária trabalhe com propostas inovadoras, mas cuidadosas.

Talvez conhecendo um pouco mais como se processa a elaboração do texto oral, o professor possa não só compreender melhor as produções escritas de seus alunos, como também aprimorá-las sem que percam a sua expressividade, fazendo do trabalho com textos uma atividade dinâmica e produtiva.

NOTA:

¹- O tópico discursivo pode ser definido como "aquilo acerca de que se está falando" (Brown e Yule, 1983: 73). Recobre porções ou blocos textuais que se interligam a um assunto focalizado pelos interlocutores, em uma identidade temporal. Cabe lembrar que a divisão do D2 360, em tópicos discursivos, foi feita por JUBRAN, C.C.A. S.,

URBANO, H. et alii no artigo "Organização Tópica da Conversação" .In: ILARI, R. (org.) **Gramática do Português Falado**. Vol II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992, p. 357-439.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. L. C. V. O. (1994). "Unidades constitutivas do texto: unidade discursiva, parágrafo". In: **Diário de Classe 3**, São Paulo, FDE - Secretaria do Estado da Educação,p. 41-51.

BROWN, G. e YULE, G. (1983). **Discourse analysis**. Cambridge, Cambridge University Press.

CÂMARA Jr., J. M. (1969). **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, Vozes.

CASTILHO, A. T. de (1986). **Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. Campinas, UNICAMP, Versão preliminar.

_____ (1989). "Para o estudo das unidades discursivas". In: **Português culto falado no Brasil**, Campinas, Editora da Unicamp, p. 249-279.

_____ (1990). "Português falado e ensino de gramática". **Letras de Hoje**, 25 (1): 103-136.

_____ e PRETI, D. (orgs.) (1987). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - Diálogos entre dois informantes**. vol. II, São Paulo, T.A. Queiroz-FAPESP.

MARCUSCHI, L. A. (1993). **O tratamento da oralidade no ensino de língua**. Recife, UFPE, mimeo.

PRETI, D. e URBANO, H. (orgs.) (1988). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo - Diálogos entre informante e documentador**. vol. III, São Paulo, T.A. Queiroz-FAPESP.

SCHIFFRIN, D. (1987). **Discourse markers**. Cambridge, Cambridge University Press.